

RELATO E EXPERIÊNCIA: minha experiência com a EJA

Joana D'arc Vieira-FUPAC/FEESU
vieirajoanapat@hotmail.com

Orientação: Profa Ms. Lidônia Maria Guimarães

A Contribuição da EJA para minha formação enquanto cidadã foi muito grande. Lembro-me de ter ido à escola quando meu pai era vivo, mas logo tive que sair devido o seu falecimento. Parei de estudar com oito anos para trabalhar na roça para ajudar minha mãe na despesa da casa. Quando eu tinha 12 anos um casal que residia em Brasília foi até a casa da minha mãe e fez um convite a ela que iria me levar com eles para que eu pudesse estudar, levaram minha irmã e eu. Nessa época morávamos na divisa da Bahia, no norte de minas. Minha mãe ficou contente, pois, iríamos estudar e ser alguém na vida. Mas foi tudo ilusão. Não nos colocaram na escola, fui submetida a trabalho escravo durante quatro anos, quando eu consegui pedir socorro a uma pessoa que escreveu uma carta para minha mãe. Fui ameaçada, minha mãe nem imaginava o que estava acontecendo. Em 1993 com a ajuda desta vizinha eu com muito medo procurei uma delegacia. Eles falavam que se eu procurasse autoridades eu ia ser morta e como eu não tinha conhecimento de nada eu acreditava nos horrores que eles me falavam, me mandaram de volta para casa em 1994. Em 1994 mudamos para Uberlândia como não tínhamos dinheiro fomos morar na favela, moramos lá três meses, compramos um terreno e construímos uma casa. Voltei a estudar em 2010 com trinta e três anos fui recebida no CAIC do bairro Guarani pela diretora, como eu não tinha histórico fui submetida a quatro provas do primeiro ao quinto ano, passei em todas as provas e fui matriculada no sexto ano. Meu esposo me incentivou a voltar a estudar, ele trabalhou no corte de cana no Recife e veio aos dezesseis anos para Uberlândia, trabalhava a noite e fazia faculdade de manhã, isso me deu inspiração para continuar com os estudos. Terminei o ensino fundamental e ensino médio pela EJA. Quando eu voltei a estudar com 33 anos, achei que eu era velha pensei que iria chegar lá e ter só jovens, mas na verdade não, tinham pessoas mais velhas que eu, os jovens não estavam tão empolgados, eu não tive vergonha, mas tinha muito medo de não conseguir aprender, pois tinha um bloqueio na minha aprendizagem devido às torturas psicológicas que havia sofrido. Eu vi que o aprendizado vem da força de vontade. Na EJA encontrei professores determinados a abrir mão de seu horário de descanso para me ajudar quando eu tinha dúvida ou não estava conseguindo aprender, eu me lembro até hoje do que eles me falavam, “estamos aqui para te ajudar e você consegue.” Ah!... como sou grata a esses anjos que Deus colocou na minha vida... Como é gostoso adquirir conhecimento, ter respeito do outro, de se colocar no lugar do outro, ter humildade sempre, ter a capacidade de viver em grupo, ter capacidade de socialização, conseguir uma melhor formação. A Escolha do curso de pedagogia não foi por acaso, eu vi na minha trajetória na EJA que querer é poder só depende de nós e a sementinha que vou plantar vai contribuir para que possamos tornar pessoas melhores e que o conhecimento vai além, respeitando sempre os conhecimentos acumulados durante toda a vida das pessoas. Não posso deixar de falar do grande responsável Paulo Freire que

contribuiu para minha formação. Deixa-me orgulhosa e mais, quero ser para meus filhos, meus futuros netos e meus sobrinhos um exemplo e que eu possa estimular a seguir em frente e podemos construir nossa própria história. O professor deve pensar criticamente a sua prática pedagógica, reinventando-a, refletindo e avaliando, buscando adotar uma prática baseada no respeito e na autonomia do educando, estando aberto a trocar conhecimentos, ao mesmo tempo em que os desafia a se assumirem enquanto sujeitos na sociedade. Segundo Freire Paulo (1996, p.10) Uma pedagogia fundada na ética, nos seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-o a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito á dignidade e autonomia e liberdade do educando. Ele deve falar com frequência para o aluno que conseguem fazer e melhor, que só pelo fato deles terem voltado para sala aula já são vencedores. Para que haja uma aprendizagem significativa é preciso que o aluno tenha relação entre o aprendido e o que já sabe. É preciso acreditar no próprio trabalho e no potencial da gente mesmo, deve ser tomado como partida o conhecimento do sujeito e com a plena consciência de que cada um tem o seu tempo de aprender. E para garantir o acesso e a permanência na EJA é imprescindível à valorização do professor por formação continuada e políticas de incentivo, bem como valorizar o aluno que em outro momento de sua vida percebe na escola um importante espaço de formação humana. Paulo Freire teve durante toda a sua vida, desafios para o trabalho com o adulto, continua sendo uma referência mundial na educação e nunca perder a esperança que a educação pode sim mudar uma nação. Quando o professor transmite ao seu aluno respeito e autoconfiança, com certeza esse aluno será um cidadão reflexivo e atuante na sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho Escravo, conhecimento, Educação de Jovens e Adultos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.